



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de inflação e atividade, que podem consolidar as apostas sobre a necessidade (ou não) do BCB voltar a subir os juros

Após o resultado surpreendente do PIB do 2T24, os agentes estarão atentos aos dados de inflação e atividade, que trarão um cenário mais claro da economia neste 3º trimestre, uma semana antes da próxima reunião do Copom.

O IBGE divulga nesta terça (10) o IPCA de agosto, com alta estimada de apenas 0,01% no mês. Embora positivo, o dado é beneficiado por questões pontuais, como a sazonalidade favorável dos preços dos alimentos e a volta da bandeira tarifária verde nas contas de energia. Por sinal, a Aneel já divulgou que adotará a bandeira tarifária vermelha nível 1 em setembro, em função da escassez de chuvas, que deve trazer um impacto razoável para a inflação do próximo mês (cerca de 0,25 pp). Assim, embora a expectativa é que o índice desacelere no acumulado em 12 meses para 4,27% (ante 4,50%), a tendência é que volte a se aproximar (ou mesmo ultrapassar) 4,5% em setembro. Desta forma, os agentes devem se concentrar nas medidas de inflação mais sensíveis à demanda interna (serviços, por exemplo), diante da expansão robusta da atividade e da renda.

Neste sentido, as atenções também se voltam aos dados de atividade de julho, que devem mostrar algum arrefecimento da economia no início deste 3º trimestre. O IBGE divulga o resultado do setor de serviços na quarta (11) e do varejo na quinta (12), com expectativa de estabilidade e queda de 0,5% no mês, respectivamente. Com isso, o índice IBC-Br, proxy mensal do PIB calculado pelo BCB, que será conhecido na sexta (13), deve recuar 0,8% no mês. De toda forma, os números não devem mudar a perspectiva de uma alta do PIB próximo a 3% no ano.

Na agenda internacional, serão conhecidos os dados de inflação ao consumidor (CPI) de agosto dos EUA, importante para o Fed calibrar a intensidade do corte dos juros na reunião da semana que vem. O dado será divulgado na quarta (11) e o consenso do mercado projeta alta de 0,2% no mês, levando o CPI a desacelerar no acumulado em 12 meses de 2,9% para 2,6%. De toda forma, o núcleo do índice (ex-alimentos e combustíveis), mais sensível à demanda interna, deve permanecer estável em 3,2%, sugerindo que o Fed deve ser parcimonioso neste início de ciclo (ou seja, com cortes de 0,25 pp). Na quinta (12), será conhecido o resultado da inflação ao produtor (PPI) e também deve mostrar algum arrefecimento, com alta em 12 meses de 1,7% em agosto (ante 2,2% em julho).

Na política, destaque para o debate entre os candidatos à presidência dos EUA, Kamala Harris e Donald Trump, o primeiro entre os dois, que ocorrerá nesta terça (10). A disputa tem se mostrado bem mais apertada após a desistência de Joe Biden e o debate pode ajudar na escolha dos indecisos (especialmente nos Estados-pêndulos).

Na Zona do Euro, o Banco Central Europeu (BCE) se reúne na quinta (12) e deve voltar a reduzir as taxas de juros em 0,25 pp, diante de um cenário caracterizado por desaceleração da inflação e fraqueza da atividade na região (especialmente em sua principal economia, a Alemanha). A expectativa é que o BCE reduza a taxa de juros de referência de 4,25% aa para 4,0% aa, após manter os juros estáveis na última reunião. O ponto de atenção será o comunicado do BCE, que, até então, tem adotado uma postura mais conservadora e pode indicar um movimento contínuo de cortes dos juros em meio à desaceleração da inflação no bloco (atingiu 2,2% na prévia de agosto) e a proximidade do ciclo de flexibilização monetária nos EUA.

Na China, a semana traz dados de atividade e do setor externo de agosto, que devem manter o quadro de apreensão quanto à dinâmica da demanda doméstica e tem ajudado a reduzir os preços das commodities no mercado internacional. O resultado da balança comercial será conhecido nesta terça (9), com expectativa de desaceleração das exportações e importações; enquanto na sexta (13) à noite, serão divulgados os números da produção industrial e vendas do varejo, com expectativas de altas interanuais de 4,6% e 2,5%, respectivamente. Vale notar que ontem foram divulgados os dados de inflação do país, que seguem bastante fracos. O CPI registrou alta de apenas 0,6% no acumulado dos últimos 12 meses.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
10/set	IBGE: IPCA	Ago/24	0,01% m/m 4,27% a/a	0,38% m/m 4,50% a/a
11/set	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Jul/24	0,0% m/m 2,5% a/a	1,7% m/m 1,3% a/a
12/set	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Jul/24	-0,5% m/m 5,7% a/a	0,4% m/m 2,0% a/a
13/set	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Jul/24	-0,8% m/m 4,4% a/a	1,4% m/m 3,2% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/set	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Ago/24	0,7% a/a	0,5% a/a
08/set	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Ago/24	-1,5% a/a	-0,8% a/a
09/set	EUA	Estoques no atacado	Jul/24	0,3% m/m	0,2% m/m
09/set	EUA	Crédito ao Consumidor	Jul/24	US\$ 12,0 bi	US\$ 8,9 bi
09/set	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Ago/24	6,6% a/a 2,3% a/a	7,0% a/a 7,2% a/a
11/set	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Ago/24	0,2% m/m 2,6% a/a	0,2% m/m 2,9% a/a
12/set	Zona do Euro	BCE: Reunião de Política Monetária	Set/24	3,50% aa; 4,0% aa 4,25% aa	3,75% aa; 4,25% aa 4,50% aa
12/set	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Ago/24	0,1% m/m 1,7% a/a	0,1% m/m 2,2% a/a
13/set	Zona do Euro	Produção Industrial	Jul/24	-0,4% m/m	-0,1% m/m
13/set	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Set/24 – prévia	68,3 pts	67,9 pts
13/set	China	Produção Industrial	Ago/24	4,6% a/a	5,1% a/a
13/set	China	Vendas no varejo	Ago/24	2,5% a/a	2,7% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

PIB vem forte no 2º trimestre e sugere crescimento próximo a 3% em 2024

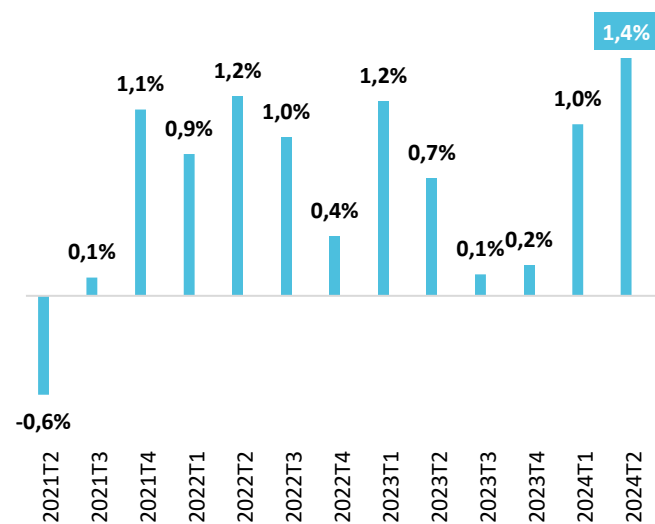
O PIB surpreendeu positivamente ao crescer 1,4% no 2º trimestre (ante o 1T24), acima do esperado (+0,9%). O avanço foi ainda mais positivo diante da revisão do dado do 1º tri, que passou de 0,8% para 1,0%. Na comparação com o 2T23, a alta foi de 3,3%, acumulando expansão de 2,9% no ano. Assim, os números mostraram que a economia cresceu em um ritmo acelerado na primeira metade do ano, puxada pela demanda doméstica. Esse forte desempenho sinaliza um crescimento mais robusto do PIB em 2024, que deve se aproximar ou até superar o patamar de 3%.

Pela ótica da demanda, a expansão do PIB na comparação trimestral foi liderada pela demanda interna, com alta expressiva nos três componentes (consumo das famílias e do governo e a formação bruta de capital fixo). O consumo das famílias, que responde por mais de 60% do PIB nesta ótica, avançou 1,3% no trimestre (após alta de +2,5% no 1T24), impulsionado pelo mercado de trabalho aquecido (aumento do emprego e da renda), impulsos fiscais (pagamento de precatórios, ampliação dos benefícios do governo e alta real do salário mínimo), juros mais baixos e expansão do crédito. O consumo do governo mostrou alta de mesma magnitude (+1,3%), impulsionado pela usual antecipação de despesas para o 1º semestre em ano eleitoral e aumento dos gastos com saúde. A FBCF cresceu 2,1%, terceiro trimestre seguido de alta, reforçando os sinais de retomada dos investimentos no país, em função do ciclo de flexibilização monetária observado até maio deste ano.

Já o setor externo contribuiu negativamente para o crescimento. Isso porque o crescimento da demanda doméstica tem impulsionado as importações (+7,6%), que cresceram bem acima das exportações (+1,4%). Estas, por sua vez, não contam com a super safra de grãos que impulsionou as vendas externas em 2023.

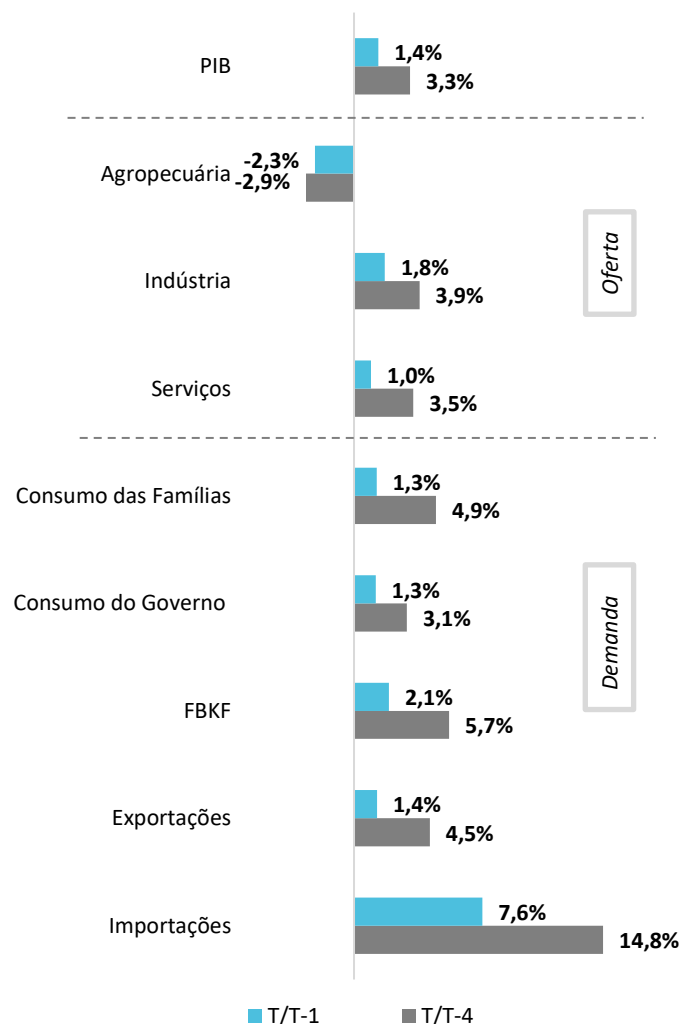
Pela ótica da oferta, destaque para o avanço da indústria (+1,8%), mesmo com a retração do setor extrativo (-4,4%). O resultado foi impulsionado pela indústria de transformação (+1,8%) e a construção civil (+3,5%), bastantes cíclicas, que têm se beneficiado das melhores condições de crédito/juros, além de programas como o Minha Casa Minha Vida e obras públicas. A produção e distribuição de eletricidade, gás e água também registrou alta no trimestre (+4,2%), beneficiada pela manutenção da bandeira tarifária verde no período.

Quadro 1: PIB – Var.% trimestral



Fonte: IBGE

Quadro 2: PIB – Var.% trimestral Por componentes



Fonte: IBGE.

O setor de serviços, que tem o maior peso na economia pela ótica da oferta, seguiu avançando de maneira sólida (+1,0%), registrando o 16º trimestre seguido de expansão. A alta foi disseminada em todas as atividades, com os maiores avanços vindo dos serviços de intermediação financeira (+2,0%), informação/TI (+1,7%) e comércio (+1,4%). Já a agropecuária perdeu o protagonismo observado no 1º tri (quando avançou 11,1%) e recuou 2,3% no trimestre, influenciada pelas condições climáticas adversas, que prejudicaram a produção de importantes colheitas, como soja e milho. As enchentes no RS também prejudicaram, mas, mesmo sem o desastre, o desempenho do setor seria negativo.

O resultado deixou um carregamento estatístico (ou seja, supondo estabilidade da atividade no 3º e no 4º trimestre) de 2,5% para o PIB em 2024, mas é pouco provável que a economia fique estagnada no 2º semestre. Para crescer 3,0% no ano, o PIB deve avançar 0,6% em média por trimestre. Embora seja factível, o mais provável ainda é que fique um pouco abaixo disso (em torno de 2,9%), diante da desaceleração esperada para o 2º semestre, em função da redução dos estímulos fiscais.

Em resumo, a economia brasileira teve um 1º semestre forte, inclusive com aceleração da atividade no 2º trimestre, diante de uma demanda doméstica bastante aquecida. Contudo, tal ritmo da atividade deve aumentar ainda mais a cautela por parte do Banco Central, cujas projeções de inflação devem seguir subindo (hiato do produto mais positivo). Com isso, aumentam as chances do Copom voltar a elevar a taxa Selic, já na reunião de setembro (dias 17 e 18).

O IBGE também divulgou o resultado da produção industrial, que recuou 1,4% em julho. O movimento reflete uma acomodação do setor após a forte alta em junho (+4,3%), quando houve a retomada das atividades prejudicadas pelas enchentes de maio no RS. Assim, o recuo pode ser considerado pontual e não altera a perspectiva de crescimento da indústria no ano.

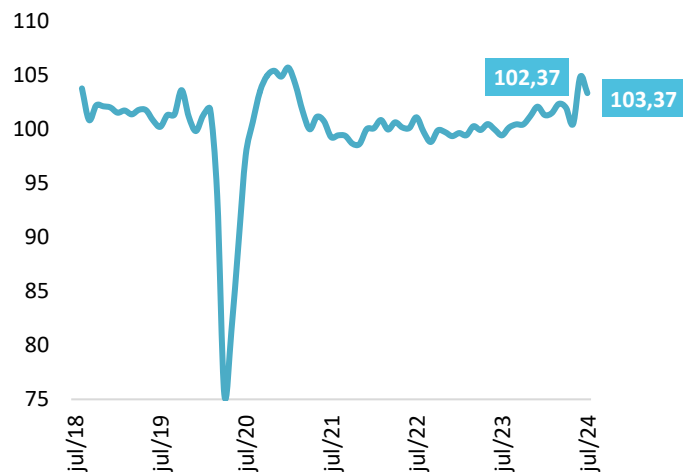
Além disso, a queda do setor foi concentrada em poucas atividades. Entre as 25 atividades analisadas, somente 7 mostraram recuo. Houve retração na produção de alimentos (-3,8%), biocombustíveis e derivados do petróleo (-3,8%), celulose (-3,2%) e no segmento extrativo (-2,4%), afetados por questões climáticas e paradas para manutenção em plantas industriais. Na outra ponta, houve alta na fabricação de veículos (+12,0%), máquinas e equipamentos (+4,2%) e produtos químicos (+2,7%).

Quadro 3: PIB – Var.% trimestral e Cenários

Período	Carry over	Cenário Alternativo
1T24	1,0%	1,0%
2T24	1,4%	1,4%
3T24	0,0%	0,6%
4T24	0,0%	0,6%
2024	2,5%	3,0%

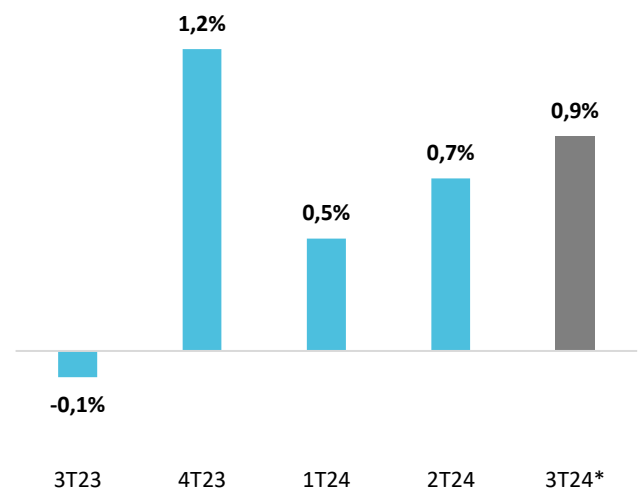
Fonte: Elaboração Própria

Quadro 4: Produção Industrial - Série com Ajuste Sazonal (Base 100 = Média de 2022)



Fonte: IBGE

Quadro 5: Produção Industrial – Var.% trimestral e Carry Over 3T24*



Fonte: IBGE

Neste sentido, vale ressaltar a expressiva alta na produção da categoria de bens de consumo duráveis (+9,1%), que tem mostrado um bom desempenho nesse ano, se beneficiando da expansão da renda e do mercado de crédito; e da produção de bens de capital (+2,5%), em linha com o bom desempenho dos investimentos (FBCF) nas contas nacionais. Por outro lado, a queda foi puxada pela categoria de bens intermediários (-0,3%) e semi/não duráveis (-3,1%).

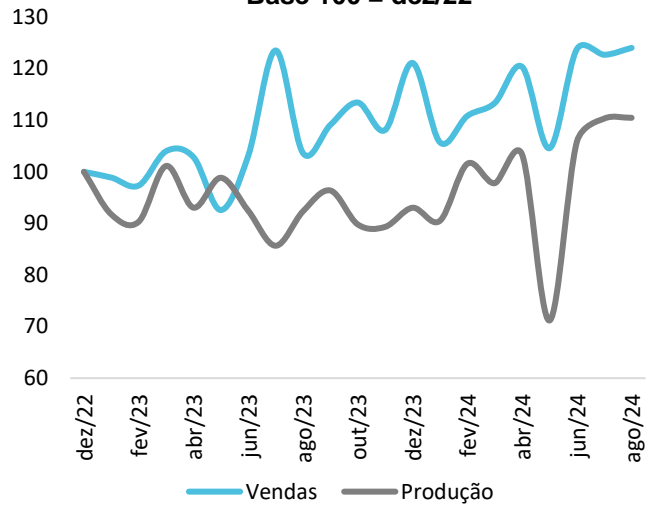
Ainda, a despeito do recuo na margem, o resultado deixou um carregamento estatístico positivo de 0,9% para o 3º trimestre, indicando que a indústria deve seguir contribuindo positivamente para a economia neste trimestre. Em linhas gerais, o resultado não altera a leitura de que o setor segue com bom dinamismo. Como ponto de atenção, o resultado de agosto deve ser afetado pelo clima adverso, incluindo as fortes queimadas observadas em SP.

Os números do setor automotivo registraram ligeira alta em agosto, impulsionados pelo aumento da demanda interna, que se beneficia do crescimento da renda e do crédito para o segmento.

Os emplacamentos somaram 237,4 mil veículos em agosto, alta de 1,1% na margem* e de 14,3% ante ago/23. No acumulado do ano, as vendas somam 1,62 milhão de unidades, com alta de 13,3% ante o mesmo período em 2023. Já a produção ficou praticamente de lado no mês (+0,1% na série com ajuste*), mas 14,4% acima do total produzido em ago/23. Com isso, a produção cresce 6,6% no ano (note que parte da demanda interna está sendo atendida pelas importações (+35,0% no ano); já as exportações caem 17,9%).

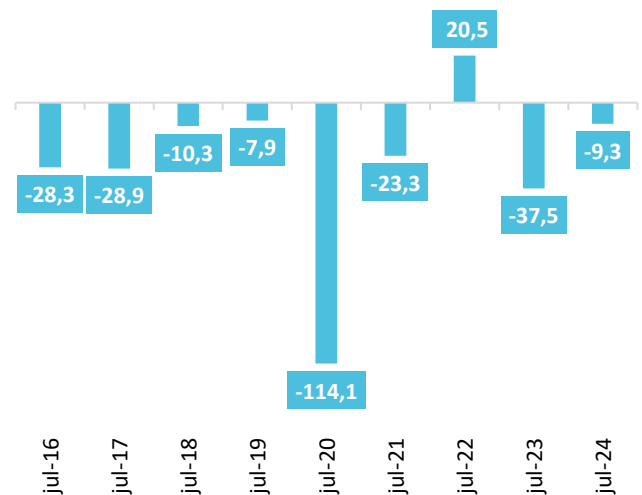
Em relação às contas públicas, o governo central registrou déficit primário de R\$ 9,3 bilhões em julho, abaixo do observado em jul/23 (R\$ -37,5 bi) em função do descasamento do calendário de pagamentos do 13º salário aos pensionistas do INSS. Isso fez com que os benefícios previdenciários recuassem 22,4% no período, levando a uma queda real de 6,0% das despesas totais no mês. Porém, algumas despesas seguem com alta expressiva, como os Benefícios de Prestação Continuada (BPC), que subiram 14,6%, abono salarial e seguro desemprego (+6,9%) e despesas discricionárias (+32,7%). Tal dinâmica tem mantido o ritmo de expansão real das despesas bastante elevado no ano (+7,8%), impedindo uma melhora mais acentuada do resultado fiscal. Isso porque, a receita segue com forte alta real (+9,5%, no mês), beneficiada pela arrecadação de impostos como o IPI (+91,6%), CSLL (+20,3%) e Imposto de Renda (+14,6%). No acumulado do ano, as receitas líquidas crescem 8,7% em termos reais.

Quadro 6: Produção e Emplacamento de Veículos*
Base 100 = dez/22



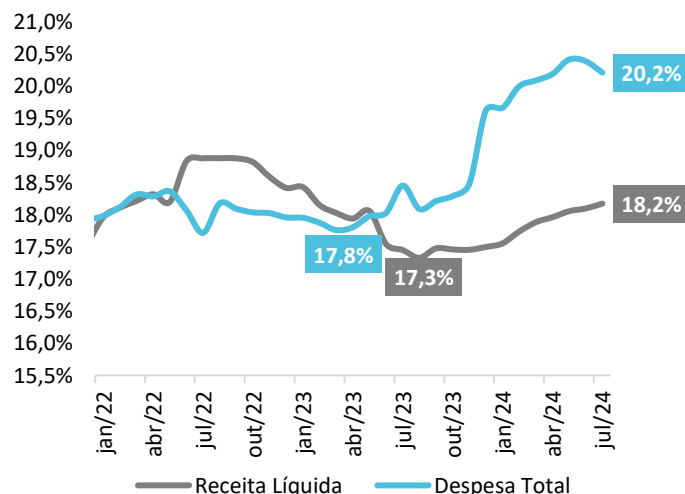
Fonte: Anfavea e Fenabrave. *Dados com ajuste sazonal da Febraban

Quadro 7: Resultado Primário do Governo Central – Meses de Julho (Em R\$ bi)



Fonte: Tesouro Nacional

Quadro 8: Receita Líquida e Despesa Total – Acum. 12 meses (% do PIB)



Fonte: Tesouro Nacional

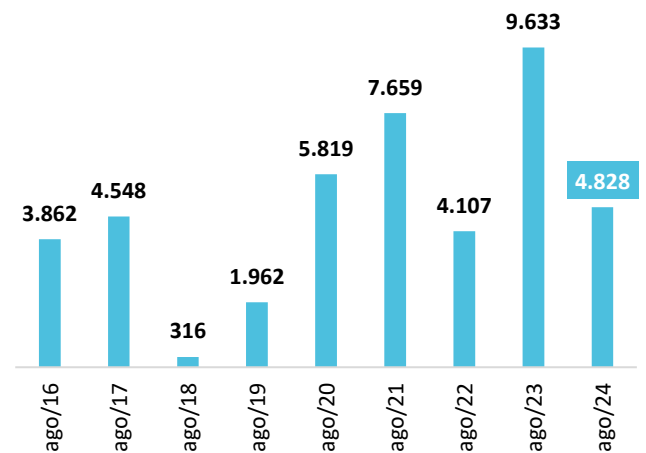
Com o resultado, o governo central acumula déficit primário de R\$ 77,8 bi no ano. A tendência é que os números sejam melhores neste 2º semestre, devido ao contínuo avanço das receitas e desaceleração da expansão dos gastos (concentração de algumas despesas no 1º semestre). Contudo, ainda assim, será desafiador entregar a meta fiscal, que prevê um déficit de até R\$ 61,4 bi no ano (considerando o limite inferior de R\$ 28,8 bi e as despesas destinadas ao Rio Grande do Sul, que estão fora da regra).

No setor externo, a balança comercial fechou o mês de agosto com superávit de US\$ 4,8 bilhões, bem abaixo do registrado em ago/23 (US\$ 9,6 bi). A queda do saldo é liderada pelo aumento das importações (+13,0%), que têm crescido em um ritmo forte, em função da demanda doméstica aquecida. A exportações também contribuíram negativamente ao mostrar retração de 6,5%, diante da menor safra de grãos (soja e milho).

No acumulado do ano (jan-ago), o saldo comercial atingiu US\$ 54,4 bi, 12,9% abaixo do observado no mesmo período em 2023, reflexo do avanço das importações (+6,6%), que tem sido puxadas por itens duráveis (veículos, por ex.) e bens de capital (motores e máquinas); enquanto as exportações estão praticamente estagnadas (+1,2%), ainda que em alto nível. Ainda assim, o superávit comercial seguirá elevado (próximo a US\$ 80 bi) em 2024, mas bem abaixo do observado em 2023 (R\$ 98,9 bi).

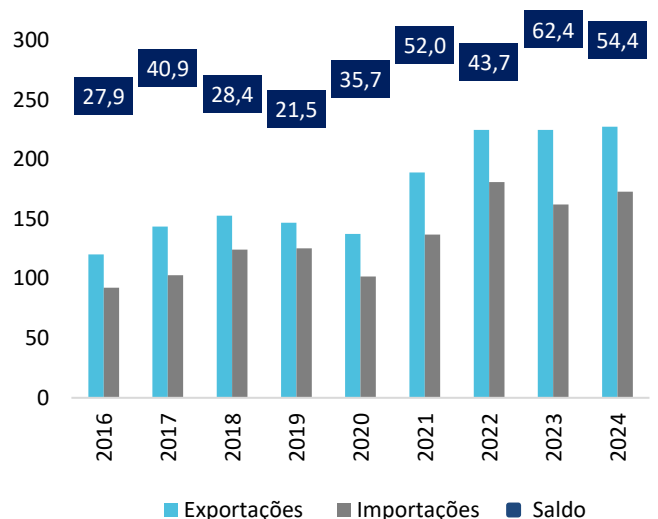
Em relação à inflação, o IGP-DI registrou uma alta modesta de 0,12% em agosto, bem abaixo do observado no mês anterior (+0,83%), com desaceleração significativa dos preços no atacado. No caso, a inflação no atacado (IPA) passou de 0,93% para 0,11%, refletindo a queda nos preços de importantes *commodities* no mercado internacional, além de alguma estabilização da taxa de câmbio no período. Com isso, a FGV captou queda nos preços de itens como minério de ferro (-6,28%) e soja (-2,03%). A inflação ao consumidor (IPC) (de 0,54% para -0,16%) e na construção civil (INCC) (de 0,72% para 0,70%), ambas de menor peso no índice, também desaceleraram no mês e ajudaram no resultado. Ainda assim, o índice ficou praticamente estável no acumulado em 12 meses, em 4,23% (ante 4,21%).

Quadro 9: Saldo Comercial – meses de Agosto
Em US\$ mi



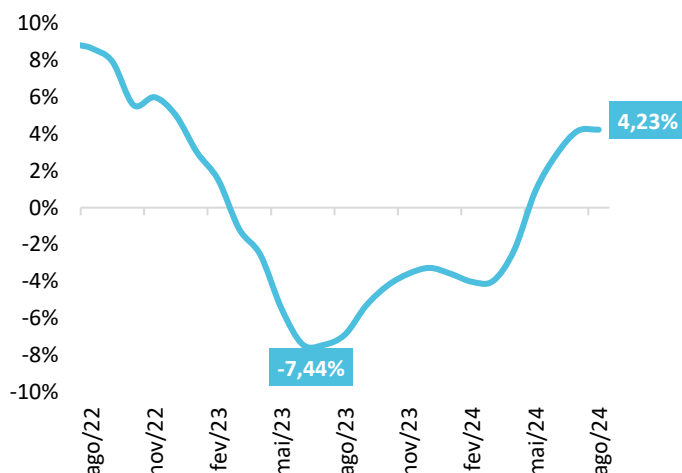
Fonte: Secex

Quadro 10: Saldo, Exportações e Importações – Acumulado no período (jan-ago) – US\$ bi



■ Exportações ■ Importações ■ Saldo

Quadro 11: IGP-DI
Var.% acumulada em 12 meses



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Mercado de trabalho dos EUA desacelera, mas não sugere recessão no curto prazo

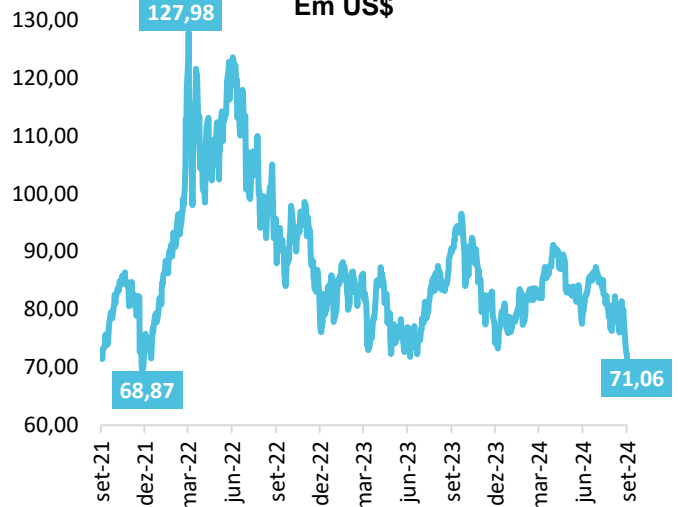
Os dados do mercado de trabalho dos EUA conhecidos ao longo da última semana reforçaram a percepção de desaceleração do segmento, inclusive com números abaixo do esperado, mas ainda longe de apontar para uma economia em recessão. Com isso, o mercado praticamente consolidou as apostas em um corte de 0,25 pp na reunião do Fed na próxima semana. Contudo, o número não alterou o sentimento negativo dos investidores, que se refletiu em baixas acentuadas dos principais índices acionários norte-americanos na semana, além de manter o viés de queda dos preços das *commodities* (que tem sofrido também com as fracas perspectivas para a economia chinesa). Como exemplo, o preço do barril de petróleo (tipo Brent) voltou próximo a US\$ 70, nível não observado desde o início da guerra da Ucrânia.

O relatório *payroll* mostrou que os EUA geraram 142 mil vagas de emprego em agosto, acima dos números de junho (+118 mil) e julho (+89 mil), que foram bem fracos e revistos para baixo nesta divulgação. Porém, o dado ficou abaixo das expectativas (+165 mil), que esperava uma reação mais forte do mercado de trabalho no mês. De toda forma, foi suficiente para reduzir a taxa de desemprego de 4,3% para 4,2% e seguir impulsionando os ganhos salariais (+3,8% em 12 meses). Outro dado que chamou a atenção dos agentes na última semana foi a redução das vagas abertas no país (em 237 mil), para 7,7 milhões, número mais baixo desde janeiro de 2021. Assim, os sinais de desaquecimento do mercado de trabalho dos EUA parecem inequívocos, embora ainda não impliquem necessariamente na iminência de uma recessão, fato que deve permitir ao Fed adotar uma postura gradualista neste início de ciclo de corte dos juros.

Na mesma direção, os dados de atividade da economia europeia e da China também não empolgaram. Na Zona do Euro, o resultado do PIB do 2T24 foi revisto para baixo (de 0,3% para 0,2%), enquanto os índices PMIs seguiram mostrando grande fragilidade da manufatura da região (45,8 pts, completando dois anos abaixo do nível neutro), enquanto os serviços subiram (de 51,9 pts para 52,9 pts) impulsionados pelas Olimpíadas em Paris, mas abaixo do esperado. Na China, o índice Caixin (composto) ficou estável em agosto, indicando que a atividade segue sem grande tração no país.

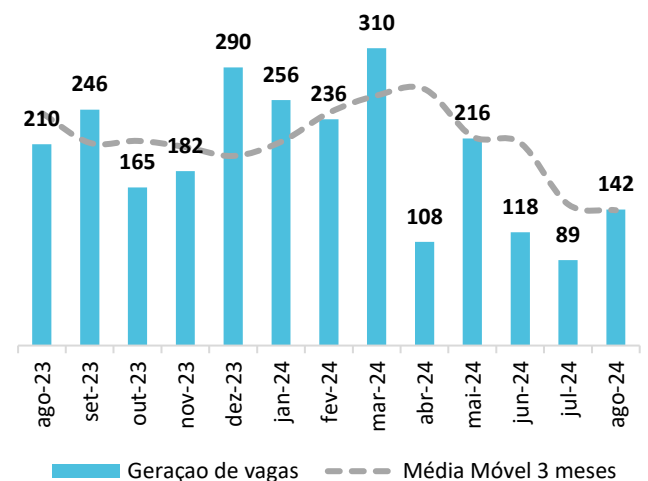
Portanto, os riscos para a economia global vão se inclinando para a perda de força da atividade, abrindo espaço para os BCs flexibilizarem suas políticas, após longo período de combate à inflação.

Quadro 12: Preço do Barril de Petróleo (tipo Brent) Em US\$



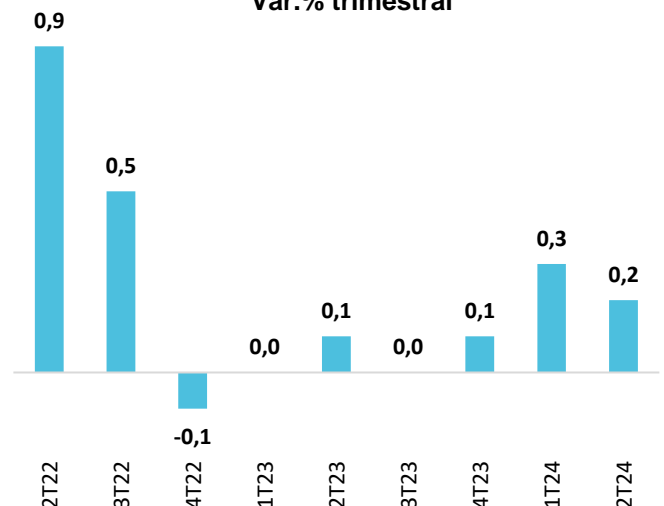
Fonte: Bloomberg.

Quadro 13: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 14: Zona do Euro – PIB Var.% trimestral



Fonte: Bloomberg.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Ago/24

CRÉDITO / BANCOS

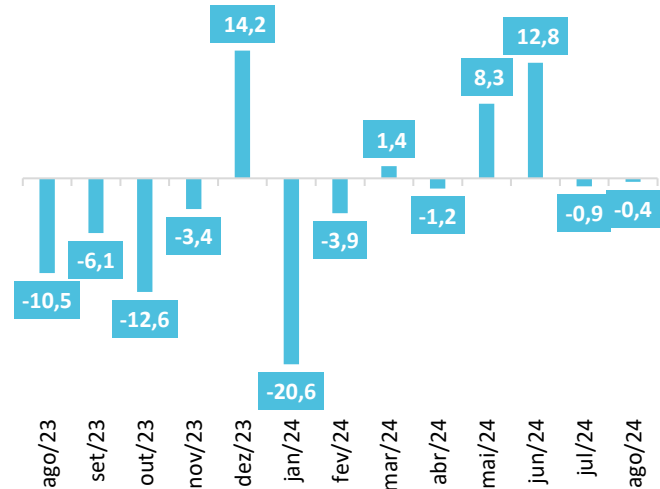
A caderneta de poupança registrou captação líquida negativa de R\$ 0,4 bilhões em agosto, segundo o Banco Central do Brasil (BCB). Assim, os saques voltaram a superar os depósitos pelo segundo mês seguido, ainda que muito próximo de um equilíbrio. De toda forma, na comparação com o mesmo período de 2023, os números seguem em processo de melhora, dado que a captação líquida foi negativa em R\$ 10,5 bi em ago/23.

Com o resultado, a captação líquida de recursos na caderneta segue ligeiramente negativa, atingindo R\$ -4,5 bi no acumulado do ano, número também bem melhor que o observado entre os meses de janeiro e agosto dos anos de 2022 (R\$ - 94,0 bi) e 2023 (R\$ -85,0 bi), momento mais crítico da retirada de recursos da modalidade.

Assim, o saldo da poupança tem voltado a registrar algum crescimento, atingindo R\$ 1,02 trilhão (ante R\$ 969,1 milhões em ago/23, sem correção da inflação), beneficiado pelos rendimentos creditados (que somam cerca de R\$ 5,5 bi por mês), além do virtual fim do processo de saques da caderneta.

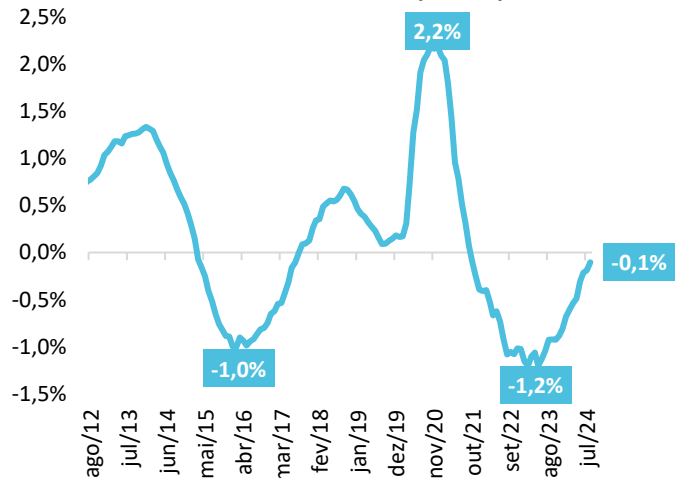
Portanto, a caderneta de poupança tem mostrado números um pouco melhores neste ano, praticamente estancando o processo de saques e com alguma alta do saldo. Tal melhora pode ser atribuída ao aumento da massa salarial e a queda da taxa Selic. Contudo, a recuperação pode ser revertida em um possível novo ciclo de alta da taxa Selic. Assim, este é um tema que segue merecendo atenção, dada a importância da caderneta como fonte de *funding* para o crédito habitacional.

Quadro 15: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de ago/24)



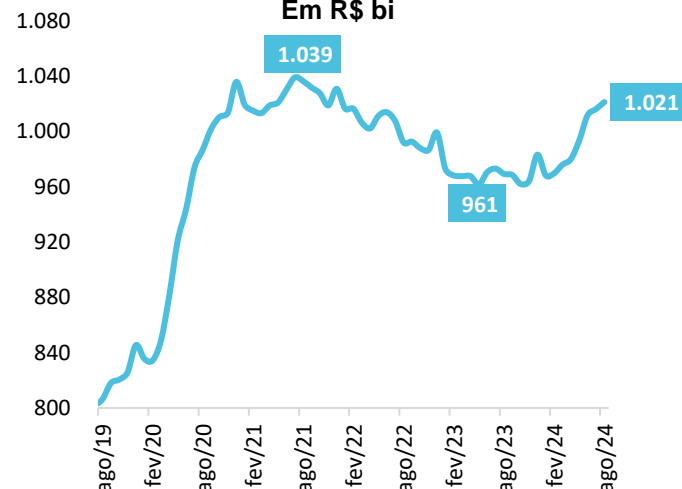
Fonte: Bacen.

Quadro 16: Captação da Caderneta de Poupança Acum. 12 meses (% PIB)



Fonte: Bacen.

Quadro 17: Saldo da Caderneta de Poupança Em R\$ bi



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	06/09/24	30/08/24	09/08/24	Viés	06/09/24	30/08/24	09/08/24	Viés
IPCA (%)	4,30	4,26	4,20	▲	3,92	3,92	3,97	↔
PIB (% de crescimento)	2,68	2,46	2,20	▲	1,90	1,85	1,92	▲
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,25	10,50	10,50	▲	10,25	10,00	9,75	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,35	5,33	5,30	▲	5,30	5,30	5,30	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	06/09/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,60	-0,13%	-0,13%	15,28%	12,47%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	156,85	4,43%	4,43%	18,41%	-8,82%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,55	0,17%	0,17%	-9,42%	-18,11%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,64	-0,93%	-0,93%	15,97%	6,34%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,80	-2,47%	-2,47%	17,14%	7,69%
Índice Ibovespa (em pontos)	134.572,45	-1,05%	-1,05%	0,29%	16,03%
IFNC (setor financeiro)	14.197,72	-0,04%	-0,04%	2,86%	25,66%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,65	-6,90%	-6,90%	-14,21%	-26,29%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,71	-5,01%	-5,01%	-4,41%	-12,63%
Dollar Index	101,18	-0,51%	-0,51%	-0,15%	-3,70%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.408,42	-4,25%	-4,25%	13,39%	21,51%
Índice de ações de bancos – EUA	109,82	-5,18%	-5,18%	0,27%	21,98%
Índice Euro Stoxx 50	4.738,06	-4,44%	-4,44%	4,79%	12,25%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	138,91	-3,07%	-3,07%	17,37%	29,94%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	71,06	-9,82%	-9,82%	-7,76%	-20,97%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira